

APRESENTAÇÃO

Flávio Leonel Abreu da **Silveira**¹

Andréa **Osório**²

Sabemos que os animais participam das análises antropológicas há muito tempo, todavia o interesse por parte dos antropólogos pelas relações humano-animal tem aumentando consideravelmente a partir da virada de milênio. O que se convencionou denominar *animal turn* tem se revelado um momento prolífico e complexo na produção de conhecimento na disciplina. Contribui para reorientar as formas como fazemos etnografias e, conseqüentemente, o campo político da Antropologia produzida em pleno Antropoceno, ou Capitaloceno (Haraway, 2015), diante de suas conseqüências planetárias (para o bem e para o mal) que implicam todos os entes vivos ou não nas derivas e devires planetários.

A Antropologia entendida como disciplina que se ocupa com a alteridade precisou incorporar os agentes não-humanos em sua perspectiva, especialmente os animais, a fim de contribuir com uma espécie de crítica cultural gestada, pelo menos com mais intensidade, a partir da segunda metade do século XX e que seria fruto de um conjunto de transformações no pensamento contemporâneo. Na verdade, para o campo antropológico, trata-se da soma de elementos distintos, mas conexos: 1) os ecos da Antropologia pós-moderna, que vibram desde os anos 1980; 2) os impactos do pós-estruturalismo nos diferentes campos do saber; 3) as reflexões oriundas da Teoria de Gaia (Lovelock, 1986) como um novo entendimento da sistêmica planetária e, portanto, do vivo, ao alcance dos dilemas do Antropoceno; 4) os reflexos das tecnologias no mundo contemporâneo e os seus desdobramentos para com o vivo, com a fusão de carne e de máquinas, como atestou Haraway (1991), por exemplo; 5) os avanços da etologia cognitiva e os seus imbricamentos com as ciências humanas; 6) os estudos decoloniais que questionam as formas cristalizadas de perceber e conceber as diferenças; 7) os impactos do perspectivismo ameríndio somados a uma Antropologia da vida e aos estudos de ator-rede, o que aproximaria, em separado, as reflexões de Eduardo Viveiros de Castro, de Tim Ingold e de Bruno Latour.

¹ Universidade Federal do Pará, Brasil.

² Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Certamente, um leitor atento poderia sugerir outros impactos na produção do conhecimento em Antropologia no contemporâneo, todavia parece-nos que os acima elencados já se mostram ilustrativos de uma guinada no pensamento na época em que vivemos. Todos estes elementos voltam-se a partir de diferentes perspectivas à reconsideração da alteridade dentro de um quadro de crítica às assimetrias e aos jogos de (bio)poder que colocam em tensão a própria forma de realizarmos etnografias e de lidarmos eticamente com as diferenças, sejam elas humanas ou não-humanas, porque não apenas é preciso questionar o lugar da alteridade (incluindo-se as nossas, de pesquisadores) nas etnografias como o estatuto desta alteridade. Nesse sentido, a Antropologia caminha para um campo de reflexão pós-humano, pois já não se basta como experiência de reflexão restrita aos humanos. Vivemos um momento de ampliação do campo e isto é bom, ainda que suscetível de tensões.

Parece-nos, então, que a Antropologia contemporânea, ao ampliar o seu campo de atuação e de reflexão no século XXI, abre novos caminhos a percorrer. Uma constatação como esta não é nem ingênua nem passível de consenso, tampouco seria isenta de tensões, mas revela que a Antropologia desempenha um papel fundamental na atualidade, no sentido de rever o lugar do animal como alteridade paradoxalmente contrastiva e complementar à nossa, o que desloca o antropocentrismo, rompe com uma ingenuidade biocêntrica e politiza ainda mais o vivo. A complexidade reside no emaranhado de redes eco-antropológicas que tanto mostram as conexões existentes quanto exigem abordagens mais interdisciplinares, por assim dizer, para o entendimento dos fenômenos humanimais, ou próprios às interações humanas-não-humanas no mundo.

Ao afirmarmos isso, estamos longe de sugerirmos, para o caso da Antropologia, a perda da sua polimorfa e tensional tradição empírico-intelectual ligada às matrizes e às linhagens (Cardoso de Oliveira, 1986; Peirano, 1995) que lhes deram contornos, ou mesmo de negar a existência de suas fronteiras que, numa leitura rápida, poderia indicar uma diluição diante da entrada com força dos Outros não-humanos no seu exercício acadêmico, o que poderia levá-la a perder certas especificidades. Pelo contrário, ao tomarmos consciência de sua “permeabilidade seletiva” no processo de construção do conhecimento, a disciplina antropológica avançaria na reflexão sobre o lugar do humano nas interações com os demais entes que coexistem “com” ele no planeta e,

assim, seria capaz de contribuir criticamente às formas pelas quais o Ocidente vem lidando com as diferenças, sejam elas humanas ou não.

Neste sentido, re-situar o *Anthropos* seria tanto promover um redirecionamento da disciplina, no sentido de ampliar os seus horizontes de atuação e de pesquisa, vislumbrando a necessária dialogia com outros campos do conhecimento na busca de um melhor entendimento das complexidades do humano, mas, também, de entendê-lo mediante as complexas interações eco-antropológicas, considerando as vicissitudes das relações estabelecidas com os não-humanos, extremamente diversas em termos simbólico-práticos e (co)existenciais, porque culturalmente situadas no espaço e no tempo.

Não se trata de uma visão redentora do humano, que retornaria ao seio da natureza apaziguado de suas culpas diante da destruição planetária. Pelo contrário, seria o caso de indicarmos, mediante uma “virada animal”, que o lugar político da diferença não-humana coloca ao humano a necessária reflexão acerca de uma inversão do antropocentrismo, não no sentido de negar a centralidade do humano no Antropoceno, mas de refletir sobre o lugar ético desta centralidade no jogo das diferenças e na manutenção de uma eco-antropologia do vivo, especialmente pelas suas conexões, mais ou menos diretas, com o *animal symbolicus*, mas sempre em rede ou numa teia da vida.

Neste termos, o convívio simétrico com os animais, plantas e coisas que juntos animam a vida é uma quimera que a “virada ontológica” nos indica como possibilidade e que os horrores do Antropoceno nos forcem a repensar, por comparação, por constrangimento ou devido a uma (bio)ética que questiona a arrogância ocidentalizante de caráter expansionista em relação aos demais seres que habitam o planeta junto ou distantes de nossas cidades, aos coletivos humanos que experienciam outras formas ético-estéticas de estarem no mundo e às manifestações sensíveis cosmológicas/(extra)terrestres/sobre-humanas que animam, com suas forças, os imaginários e as potências de vida, e que indicam o princípio do *religare* como evidência do sagrado no mundo, ou nos mundos.

Não é o caso de nos tornarmos como o Outro (o ameríndio, o aborígine, etc), mas de sensibilizarmos o olhar perante o mundo a partir de suas perspectivas, quiçá de revisitarmos antigas tradições ocidentais, inclusive, acerca dos não-humanos e de implicá-las no tempo em que vivemos, como possibilidade de redefinição dos rumos catastróficos que os dilemas atuais do Antropoceno anunciam. Repensarmos as nossas

relações com os animais domésticos ou não é parte deste processo e pode nos auxiliar a compreendermos o nosso papel na dinâmica ecosférica, da esfera processual das teias do vivo, de onde as nossas cidades e campos, selvas e mares, sertões e montanhas, rios e aldeias, não estão apartadas.

A complexidade do vivo da qual somos parte está repleta de interações, de significações e de possibilidades que seriam próprias às formas de coexistência na Ecosfera, entendida aqui como esfera de manifestações de organismos conexos, onde a Noosfera seria uma de suas dimensões, na qual simbolicamente habitamos, mas onde não nos bastamos porque a Ecosfera nos indica a condição de englobados por uma esfera que, sinergisticamente, está para além do humano, mas “com” ele.

Talvez fosse o caso de seguirmos as intuições de Simmel (1996) nas suas reflexões sobre a ponte e certa união dos opostos que, mais que metáfora gasta, poderia indicar um meio de escaparmos com vida das mazelas do Antropoceno e, a partir daí, ultrapassarmos a pretensa insularidade (Morin, 1975) que, se por um lado nos torna *sui generis* como animais simbólicos, por outro, e especialmente para o Ocidente e/ou para as sociedades ocidentalizadas, nos aparta, arrogantemente, dos humanos com perspectivas outras, dos não-humanos e do Cosmos.

Aqui, no entanto, a figura antropológica do homem moderno deve ser paradoxalmente relativizada e ampliada. Primeiro, porque os avanços da (bio)tecnologia deslocam as nossas noções estáveis de humanidade e nos integram/fusionam com os demais seres de diversas formas. Se somos ciborgues e jamais fomos modernos é porque talvez jamais tenhamos sido humanos (Haraway, 1991; Latour, 2005), exatamente porque foi uma ideia de modernidade que nos apartou do restante do mundo, mas é essa mesma modernidade que nos impregnou de um romantismo afeito à natureza. É preciso restituir a nossa coexistência biopsicossocial com as diferenças não-humanas e ampliarmos nossos horizontes em direção aos saberes de determinados coletivos humanos que sempre souberam, à sua maneira, lidar sensivelmente com as diferenças ditas “naturais”, até porque amplificamos as nossas agências no *corpus* planetário de maneira devastadora em relação aos ecossistemas, e não integradora como eles.

Os sentidos das reflexões que propomos, especialmente quando consideramos um *animal turn*, por exemplo, parecem indicar um movimento para além do Ocidente judaico-cristão, de maneira a alcançarmos outras sensibilidades não-ocidentais,

escapando, de certa forma, de pressupostos ocidentalizantes. Caso nos voltemos para o mundo ocidental e, neste caso, para as cidades, é preciso restituir o lugar de uma ecologia urbana que vislumbra os ecossistemas urbanos como os lugares da existência humana com os demais seres que a compõem e, por isso, como um lócus de manifestação do sensível (Sansot, 1983). Se isto é válido para a urbe, quando adentramos em contextos diversos é preciso, também, perceber o conjunto das interações bioculturais e cosmológicas onde o humano coexiste no espaço e no tempo com os demais seres em constante deriva ecosófica, para utilizar um termo caro a Guattari (1990), em consonância ao devir planetário. É a atenção ao cruzamento de tais ecologias agrupadas na noção de ecosofia que nos conduziria aos “padrões que unem” perseguidos de maneira visionária por Bateson (2000) que foi, certamente, uma *persona* para além do seu tempo.

É com este espírito que apresentamos aos leitores este número da Revista *Illuminuras*. Portanto, o dossiê que trazemos à tona é parte e reflexo do momento em que vivemos na Antropologia contemporânea e brasileira. Tal perspectiva fica clara pela riqueza dos artigos abordando temas diversos em torno das interações humano-animal, cujas abordagens sinalizam para a maturidade do campo antropológico de nosso país, bem como aos atravessamentos de fronteiras disciplinares e à possibilidade dialógica de aprendermos um pouco mais acerca de nosso ofício com pensadores de outros campos que contribuem aqui.

A partir desta altura da apresentação do dossiê buscamos, sucintamente, indicar a tessitura epistemológica daquilo que nos pareceu constituir o desenho de nosso número temático, tentando mediante um ato hermenêutico e sensível mostrarmos o entrelaçamento de ideias e de imagens que configuram as paisagens textuais desta revista, os cenários ricos e instigantes que os autores apontam como caminhos para pensarmos o tema que nos une nesta edição e que os leitores podem aderir/escolher/questionar como chaves de acesso às discussões contemporâneas sobre as relações humanimais no contemporâneo.

Os autores que contribuem com esse número abordam distintas paisagens, contemporâneas e passadas, do mundo cosmopolita urbano às zonas rurais, incluindo-se a paisagem amazônica, do sul ao norte do país. Observa-se expressiva influência do *animal turn*, sobretudo nas constantes referências a Tim Ingold. Os animais apresentados aqui não perpassam apenas uma representação (do) animal, mas também

aquele ser concreto, indivíduo ou espécie, com os quais as relações interespecíficas ocorrem, sejam elas interpretadas como forem em cada contexto de pesquisa.

O primeiro artigo do dossiê, intitulado “‘Quem’ ou ‘o que’ são os animais? Um estudo sobre como os defensores dos animais (re)definem sua natureza”, de Ana Paula Perrota, analisa o discurso abolicionista animal brasileiro, que teria sido estruturado a partir de uma literatura construída por intelectuais militantes, neste caso, em busca de uma compreensão sobre quem são e o que professam, mas também de como o animal é constituído como sujeito a partir de dois elementos fundamentais: a sciência e a moral. Discutindo elementos éticos e filosóficos presentes no seu trabalho de campo, a autora descortina processos de simetriação entre humanos e animais permeados por noções de sofrimento e de vitimização.

Em “Compaixão, moral e sofrimento animal entre protetores de gatos de rua”, Andréa Osório analisa uma comunidade on-line na qual emergem discursos emocionais sobre o sofrimento animal e a ação protetiva. Tais discursos são eivados pela construção da figura do gato de rua como vítima de humanos, o que permite ao grupo constituir hierarquias morais nas quais gatos e protetores são superiores (a outros humanos). Essa hierarquia, ao invés de dicotomizar humanos e animais, parece ser constituída a partir de um triângulo no qual os anjos aparecem como mediadores e signo de valorização moral. A tensão entre a casa e a rua se resolve no outro mundo, conforme o triângulo elaborado por Roberto DaMatta para pensar a sociedade brasileira.

A questão do sofrimento é explorado também em “Os bichos sofrem, Miguilim sofre, Miguilim é um bicho. Sobre sofrimentos coparticipados por pessoas e animais”, onde Potyguara Alencar dos Santos e Aline Alcarde Balestra discutem uma possibilidade interpretativa da novela *Campo Geral*, de João Guimarães Rosa. A partir da silogística predicacional de Gregory Bateson, os autores analisam os sentimentos que Miguilim, protagonista infantil da obra, expressa pelos animais que sofrem, como ele, da violência do mundo adulto, paradigmaticamente representada por seu pai.

Juliana Abonizio e Eveline Baptistella, em “À mesa com cães e gatos : ração vegetal e fronteiras interespecies”, analisam os dilemas morais que veganos experimentam quando decidem manter animais de estimação onívoros ou carnívoros sob os seus cuidados. Como consumidores que boicotam produtos de origem animal ou que tenham causado sofrimento animal, os veganos que precisam alimentar cães e gatos se vêem em posição desconfortável diante de sua visão de mundo e os dilemas éticos de

alimentar seus *pets*: deve o animal tutelado seguir a mesma dieta humana? Quais as consequências para esses animais e quais as consequências para o próprio veganismo? A moral humana pode e deve ser imposta aos animais?

Contraponto às práticas e discursos de grupos protecionistas e abolicionistas, o artigo etnográfico de Jorge Luan Teixeira e Dibe Ayube identifica práticas semelhantes no universo rural cearense e paranaense no que tange ao tratamento dispensado a cães que atacam e matam animais de pequenos criadores. “Cachorros que atacam criação: reflexões éticas sobre mobilidade e a vida social dos animais em ambientes rurais” descreve situações etnográficas nas quais os interlocutores de pesquisa tiveram de lidar com o ataque de cães a pequenos animais de criação. A perda de parte do rebanho gera não apenas um impacto econômico entre os criadores, mas problemas de relacionamento com vizinhos. Num universo onde os animais andam mais ou menos soltos e fronteiras são cruzadas, a descoberta de um animal que ataca as criações leva a uma quase sempre inevitável sentença de morte, não sem dilemas morais e locais específicos aos contextos estudados.

Ainda no problema do sacrificial animal, João Daniel Dorneles Ramos em “A (cosmo)lógica das relações humano-animais nas religiões afro-brasileiras” toca num tema sensível dos debates animalitários atuais. O autor reflete sobre o uso de animais em rituais afro-brasileiros conhecidos como Linha Cruzada, que inclui Batuque ou Nação, Umbanda e Quimbanda, ou Gira, no Rio Grande do Sul. Desconstruindo a possibilidade de que os animais sacrificados sejam vítimas de maus tratos, conforme foram acusados no referido estado – e o tem sido em vários outros – ele demonstra como a cosmologia afro-brasileira não separa os seres sobrenaturais dos objetos onde eles residem. Nesse sentido, maltratar um animal seria contrair uma *celeuma* inexorável com tais forças. Como os humanos, os orixás e os objetos onde eles residem “comem” o animal sacrificado.

José Wellington de Souza, em “Porcos, humanos e lobisomens no imaginário rural: o uso estrutural do animal como símbolo que define a humanidade”, nos apresenta um interessante sistema de crenças de Liberdade, cidadezinha entre o sul e a zona da mata mineira. Em meio a catolicismos populares, o porco se torna protagonista de histórias de transformações mórnicas, como as de lobisomens. Analisadas estruturalmente pelo autor como mitos, tais narrativas identificariam um parentesco entre humanos e suínos. Os dilemas e tabus de consumo advindos daí seriam sanados a

partir de uma nova separação entre esses parentes, que permite, então, a uns consumirem os outros.

Do sacrifício à caça e à pesca: Thiago Lopes da Costa Oliveira, em “Interfaces híbridas: armas e armadilhas de caça e pesca no alto rio Negro”, identifica como os Baniwa-Hohodeni, que vivem na região de Ucuqui-Cachoeira, AM, utilizam animais e seu conhecimento sobre a fauna e a flora locais em suas armas e armadilhas para caçar e pescar. O artigo mostra as complexas interações entre humanos e não-humanos vivos ou não, a partir de uma experiência etnográfica rica que inclui o conhecimento territorial e etológico dos Baniwa.

Esse inventário etnológico e ecológico ganha um contraponto histórico interessante no artigo “A fauna marajoara em narrativas de viajantes do século XIX”, no qual Lucas Monteiro de Araújo e Agenor Sarraf Pacheco analisam a forma como os animais amazônicos da região marajoara foram descritos por Louis e Elizabeth Agassiz, Henry Bates, Alfred Russel Wallace e o Príncipe Adalberto da Prússia. Caçadas e descrições científicas alternam o exotismo da fauna e da flora locais aos olhos dos estrangeiros. Único artigo historiográfico do presente dossiê, ele permite desvelar a multidisciplinaridade do campo das relações humano-animal. Aqui, práticas e representações localizadas no espaço-tempo emergem de modo a dar ao leitor um retrato interessante da região e sua cultura.

Entre saberes tradicionais e científicos, Luiz Saraiva e Jéssica Corrêa, em “Reflexões sobre homens, manguezais e caranguejos em Bragança-PA”, discutem um pouco mais dessa paisagem amazônica. A etnografia de caranguejeiros apresenta o impacto de uma rodovia numa área de mangue na comunidade do Bacuriteua e como a atividade de extração do caranguejo-uçá foi intensificada a partir da facilidade do acesso, gerando uma escassez de animais a serem capturados. A rodovia também traz biólogos, que passam a estudar a referida espécie. Saberes tradicionais e científicos se tensionam, especialmente com relação ao defeso, época de regulação da extração para a reprodução do animal.

Flávio Leonel Abreu da Silveira toca na questão dos animais na cidade. Em “Paisagens coexistenciais e interspecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica”, o autor argumenta que as paisagens urbanas são permeadas por animais, assim como a própria existência humana em tal contexto. Seja dentro de casa, nas ruas ou nos espaços verdes, os animais fazem

parte de relações interespecíficas que apresentam questões relacionadas à domesticidade.

A seguir, Maria Helena Costa Carvalho de A. Lima e Simone Magalhães Brito engendram uma análise sobre valores conflitantes na convivência com animais nas zonas urbanas brasileiras, baseada na sociologia figuracional de Norbet Elias. Em “Civildade e empatia em disputa: o problema do controle de animais no espaço público”, as autoras identificam uma tensão entre uma moralidade civilizada, nos termos eliasianos, que tende a afastar e temer os animais, especialmente com relação às zoonoses, e uma moralidade protetiva, baseada numa sensibilidade de empatia interespecífica no mundo urbano.

Também sobre os animais na cidade, Eliane Sebeika Rapchan, em “Casas, espaços públicos e parques – o caso entre os macacos-prego e a cidade em Maringá”, explora como a imprensa de Maringá, PR, representa os macacos-prego que habitam três espaços verdes da cidade. Entre o fascínio e o incômodo, os animais passam a protagonizar cenas fora desses espaços, se deslocando para zonas consideradas pelos meios de comunicação local como propriamente humanos e, portanto, ultrapassando os limites determinados à sua existência e pertencimento na cidade. A preocupação com a transmissão de zoonoses pelos animais é perceptível aqui como no artigo de Carvalho & Brito, consistindo numa análise interessante sobre representações animais no país, tema também perceptível no artigo seguinte, de Jean Segata. Em “A doença socialista e o mosquito dos pobres”, o autor traça um panorama histórico dos mosquitos e suas doenças nas cidades brasileiras, para então adentrar parte de sua etnografia contemporânea sobre como o *Aedes aegypti* constrói áreas de vulnerabilidade na urbe. Espécie que convive amplamente com humanos e que se adaptou plenamente às cidades, o mosquito não escolhe classe social para disseminar doenças. Os agentes de combate e as políticas públicas em geral, por outro lado, operam menos democraticamente, criando e permitindo zonas de reprodução de dengue, zika e chikungunya, através da reprodução de seus vetores, ao passo em que combatem outras. Nessa divisão, reforça-se a separação espacial das classes sociais por intermédio de percepções sobre a pobreza relacionadas à doença e ao mosquito.

Dos animais que adoecem singramos em direção àqueles capazes de propiciar bem-estar aos humanos doentes. Ivana Teixeira, em “Relações interespecíficas de cuidado no sistema de saúde convencional brasileiro: uma análise antropológica sobre a

dinâmica da zooterapia” explora aspectos da Terapia Assistida por Animais, também conhecida por zooterapia, pet-terapia ou Mediação Animal. A autora explora as relações interespecíficas nesse universo, da seleção dos animais terapeutas às interações com humanos doentes, passando pela constituição histórica da prática.

Dois artigos etnográficos tratam do universo das corridas de cavalos e seus apostadores. Rafael Velasquez explora a forma como esses desenvolvem conhecimentos específicos sobre o turfe e constroem reputações. Em “O que os cavalos estão dizendo? Uma interpretação da interpretação dos apostadores nas corridas de cavalo”, o autor etnografa apostadores no Joquey Club, no Rio de Janeiro, e sugere que pensemos numa “hipologia” como uma ciência de conhecimentos hípicas aberta e em construção. Já Rômulo B. Labronici, em “A pureza do sangue híbrido: os bastidores do turfe para a produção de cavalos e homens de corrida”, etnografa apostadores em casas de apostas, também no Rio de Janeiro, onde percebe uma mobilização constante de categorias naturais e culturais no âmbito daquela “hipologia”. O autor analisa aspectos relacionados a haras, *studs*, criadores, Centros de Treinamento e a Escola Nacional de Profissionais do Turfe e seus jôqueis para compreender os conhecimentos que apostadores acionam em suas avaliações de probabilidade de ganho.

Universo tipicamente masculino, as apostas de cavalos ganham a companhia das (igualmente masculinas) apostas em galos de rinha na exploração etnográfica que Rafael Leal Matos faz em “Rinhas de galo no litoral norte paraibano: performances em um *esporte* interétnico”. Perpassando, como os dois textos anteriores, questões acerca dos bastidores das interações animais e humanas, o autor apresenta uma realidade na qual categorias étnicas passam para os animais, novas raças são criadas e localmente tipificadas, e o dinheiro e o status constroem reputações, embora não se busque o retorno financeiro na atividade lúdica. Prática “branca” adotada por membros das comunidades indígenas locais, a rinha constrói, conforme demonstra o autor, eventos liminóides de anti-estrutura, seguindo a conhecida reflexão de Victor Turner.

A seguir, apresentamos ao público brasileiro duas traduções do francês: o artigo de Laurant Jérôme, antropólogo canadense, a respeito de desenhos em quadrinhos que abordam cosmologias indígenas, nos quais figurações animais aparecem, e o instigante artigo do historiador francês Éric Baratay sobre as relações sócio-antropológicas nos estudos sobre os animais, onde o autor traça um rico panorama intelectual sobre as

interfaces dos campos histórico, sociológico e antropológico quanto ao lugar dos animais nas pesquisas acadêmicas, especialmente nas últimas décadas.

Rafael Costa realiza o relato audiovisual de uma bem sucedida experiência junto às crianças moradoras de uma comunidade considerada como um “assentamento precário” pela prefeitura local. Neste caso, durante a visita a uma área de conservação litorânea no estado do Rio de Janeiro, a expedição segue em busca da formiga-onça. O relato, além de criativo, revela-se um instigante experimento de atividade lúdico-científica com implicações éticas e estéticas inspitadoras, principalmente quando se pensa na possibilidade de realizar atividades didáticas com crianças em áreas de conservação da biodiversidade.

Caetano Sordi, em seu ensaio fotográfico, apresenta uma bela e rica reflexão por imagens acerca da chamada “caza menor”, prática cinegética que ocorre na província da Sevilha, na Espanha. Em seguida, o ensaio fotográfico de Maurício Panella é uma criativa experiência de hibridação de imagens humanas e animais, constituindo-se no que poderíamos chamar de hibridações imagéticas humanais, com resultados estéticos surpreendentes e possibilidades éticas não menos importantes. Marília Kosby, por sua vez, apresenta um ensaio sobre as complexas relações entre as lidas campeiras envolvendo o manejo do gado e a construção da masculinidade entre gaúchos no interior do estado do Rio Grande do Sul.

A resenha do jovem Matheus Henrique Pereira da Silva sobre a obra *Metafísicas Canibais — elementos para uma antropologia pós-estrutural*, de Eduardo Viveiros de Castro, oferece-nos um panorama sensível sobre o livro, ao mesmo tempo em que indica a leitura atenta das novas gerações sobre os trabalhos contemporâneos na Antropologia.

Por último, porém não menos relevante, gostaríamos de dedicar este número da *Iluminuras* a Rafael Velasquez, jovem antropólogo que nos deixou abruptamente. Apaixonado por cavalos e pelo seu estudo antropológico, Velasquez nos contagiou nessa alegria de fazer ciência que, muitas vezes, o cotidiano precarizado das universidades públicas brasileiras faz decair e mesmo esvanecer. Não foi sem afetos que se fez presente e ausente. Sua memória permanece conosco como a esperança de que novas gerações de antropólogos e pesquisadores terão o mesmo interesse pela área das relações humano-animal e a mesma felicidade em descobrir suas dores e delícias.

REFERÊNCIAS

- BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000 [1972].
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- HARAWAY, Donna J. *Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature*. Routledge, 1991.
- HARAWAY, Donna J. "Antropocene, Capitalocene, Plantationocene, and Chthulucene: making kin". *Environmental Humanities*, 6: 159-165, 2015.
- INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment : Essays on Livelihood, Dwelling & Skill*. London: Routledge, 2000.
- LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- LOVELOCK, James. "Gaia: the world as a living organism". *New Scientist*, 112:25-28, 1986.
- MORIN, Edgar. *O enigma do homem. Para uma Nova Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- PEIRANO, Mariza. *A Favor da Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SANSOT, Pierre. *Variations paysagères*. Paris: Klincksieck, 1983.
- SIMMEL, Georg. Sociologia. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. "A Ponte e a Porta". *Política & Trabalho*, 12: 10-14, 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.